

# ARTE RUPESTRE: O DIÁLOGO GEOGRÁFICO ENTRE A AUSTRÁLIA E O SEMIÁRIDO BRASILEIRO ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA AS ESCOLAS DO CAMPO DO CARIRI PARAIBANO

Fabiano Custódio de Oliveira<sup>1</sup> – CDSA- UFCG  
Hosana Torres de Araújo<sup>2</sup> – CDSA – UFCG  
Rosicreide Soares Nogueira<sup>3</sup> - CDSA- UFCG  
Antonio Carlos Soares de Mota<sup>4</sup> – CDSA - UFCG

## RESUMO

A educação geográfica nas escolas do campo é de suma importância para que os alunos compreendam os elementos que compõem o espaço geográfico, ou seja, o mundo e suas problemáticas sociais e ambientais. Contudo, para que o ensino de Geografia seja proveitoso, devem-se considerar as necessidades dos alunos e o seu dia a dia, pois é fazendo a relação com o meio em que convivem que é possível se ter um ensino de qualidade na Geografia. Dessa forma, este trabalho, tem por objetivo apresentar a experiência da produção e experimentação de um recurso didático intitulado “Arte Rupestre: o diálogo geográfico entre a Austrália e o Semiárido Brasileiro”. Esse recurso didático foi produzido no âmbito do projeto de extensão realizado no curso de Licenciatura em Educação do Campo na área das Ciências Humanas e Sociais, especificamente no ensino de Geografia na Escola Estadual Maria Balbina, localizada no distrito de Santa Luzia município de Serra Branca - PB. Para execução dessa pesquisa, utilizamos os pressupostos da pesquisa qualitativa, através da Pesquisa-Ação, que foi dividida em momentos de capacitações/produções e experimentação nos contextos acadêmico e escolar. A produção e experimentação do recurso didático foi realizado na sala de aula, envolvendo os universitários, alunos e a professora titular. Verificamos que o recurso didático produzido foi de grande importância, pois trouxe de uma forma concreta e contextualizada o ensino sobre as rochas sedimentares, metamórficas e magmáticas, que seriam visualizadas apenas por imagens do livro didático de uma forma distante da realidade. Desta forma, identificamos o quanto foi válido a contribuição de produzir com os próprios alunos esse recurso didático na aprendizagem destes, contribuindo para uma educação geográfica de qualidade para as escolas do campo.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Educação do Campo. Recursos didáticos. Semiárido.

<sup>1</sup> É doutor em Planejamento Urbano e Regional, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). Mestre em Geografia Universidade Federal da Paraíba (2007). Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (2004). Atualmente é professor de Geografia do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – CDSA/UFCG – Área das Ciências Humanas e Sociais. Coordenador do Laboratório de Ensino de Geografia e Educação do Campo – LEGECAMPO no qual desenvolve o projeto de Extensão titulado “Produção de Recursos Didáticos no Ensino de Geografia para as Escolas do Campo”. [fabiano.geografia@gmail.com](mailto:fabiano.geografia@gmail.com) .

<sup>2</sup> Aluna da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande [hosanataraujo@gmail.com](mailto:hosanataraujo@gmail.com) .

<sup>3</sup> Aluna da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande [ednasilvagba@gmail.com](mailto:ednasilvagba@gmail.com)

<sup>4</sup> Aluno da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande. [silvaismaelalves@gmail.com](mailto:silvaismaelalves@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A educação geográfica nas escolas do campo é de suma importância para que os alunos compreendam os elementos que compõem o espaço geográfico, ou seja, o mundo e suas problemáticas sociais e ambientais. Contudo, para que o ensino dessa disciplina seja proveitoso, devem-se considerar as necessidades dos alunos e o seu dia a dia, pois é fazendo a relação com o meio em que vivem que é possível ter-se um ensino de qualidade na disciplina de Geografia.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo apresentar todas as etapas da experiência da produção e experimentação do recurso didático intitulado “Arte Rupestre: o diálogo geográfico entre a Austrália e o Semiárido Brasileiro”. Esse recurso didático foi produzido no âmbito do projeto de extensão<sup>5</sup> realizado na Licenciatura em Educação do Campo na área das Ciências Humanas e Sociais, especificamente no ensino de Geografia para as escolas do campo, enfocando a importância de se produzir e se utilizar recursos didáticos contextualizados no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia.

A experiência foi realizada na turma do 9º ano, turno tarde da Escola Estadual Maria Balbina, localizada no distrito de Santa Luzia município de Serra Branca - PB . Mesmo tendo sua sede na área considerada “urbana” pelo o IBGE, atende a populações que majoritariamente estão vinculadas ao trabalho e à vida no campo, sendo, pois sua identidade definida por este vínculo.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Na execução do projeto de extensão apresentado neste trabalho, estão sendo utilizados os pressupostos da pesquisa qualitativa, através da pesquisa-ação. De acordo com Lakatos e Marconi (2009), a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

---

<sup>5</sup> Projeto de extensão intitulado “Produção de Recursos Didáticos no Ensino de Geografia para as Escolas do Campo” desenvolvido no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG - Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA – Sumé – PB.

A pesquisa-ação foi escolhida porque visa a produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa), sendo uma tarefa conjunta de compreensão e decisão democráticas baseada na práxis comprometida com a espiral auto reflexiva. Implica desenvolvimento profissional, assumindo transformação educativa dependente do compromisso dos sujeitos envolvidos. Implica, também, ampla autonomia e interação dos sujeitos e não se limita à ação pontual. Visa à reconstrução do conhecimento na ação (reflexão).

## REFERENCIAL TEÓRICO

A educação hoje é considerada como responsável pela produção e reprodução de valores sociais, é uma atividade necessária para o funcionamento da sociedade, pois promove conhecimentos e experiências culturais às pessoas. Como também, abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino, nos movimentos sociais e nas manifestações culturais; através desta se democratizam os conhecimentos científicos e forma-se a capacidade de pensar criticamente os problemas e desafios postos pela realidade. Libâneo (2004), ao abordar a importância da prática educativa na sociedade, afirma que a educação:

[...] é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. [...] Não há sociedade sem prática educativa, nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de promover aos indivíduos os conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidade econômica, social e políticas da coletividade. (LIBÂNEO, 2004, p. 16-17).

Sendo assim, a grande finalidade da ação educativa é ajudar no desenvolvimento do ser humano, inserindo-o de forma crítica na dinâmica da sociedade da qual faz parte. Diante desse pensamento, Freire (2009), em sua análise sobre o problema da comunicação entre o técnico e o trabalhador do campo, no processo de desenvolvimento da nova sociedade industrial, afirma que é indispensável a inserção crítica do homem, destacando sua realidade como uma totalidade, possibilitando sua ação autêntica sobre ela, pois é através da problematização do homem, com suas relações com o mundo e com os homens, que há a possibilidade deles aprofundarem sua tomada de consciência da realidade na qual estão inseridos.

Sendo assim, o aluno do campo, quando chega a escola, já leva da sua casa toda uma bagagem de conhecimento valorativo criado a partir das relações anteriormente estabelecidas. Entretanto, no atual processo educativo, a escola é – em contrapartida – a negação do campo,

pois realça as diferenças culturais desse aluno e, por isso, ela o expurga, uma vez que não o reconhece enquanto sujeito nessa relação. Para Freire (2009), o aprendizado se dá pela associação e construção do conhecimento. Não se pode fazer do aluno do campo um copo vazio, mas sim enxergá-lo como ser social que, no convívio e relações da vida em sociedade, se constitui como homem histórico. Sob essa análise, no processo de aprendizagem, só aprende, verdadeiramente, aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, e que pode, por isso mesmo, reinventá-lo, sendo capaz de aplicar o que aprendeu em situações existenciais e concretas. Porém, aquele que é apenas “enchido” por outros conteúdos, que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, ou seja, que não considera a sua própria realidade, não aprende.

De acordo com Antunes (2010), outro grave problema, relacionado à crise do ensino, refere-se aos currículos das escolas do campo, os quais têm sido compostos por uma grande carga cultural totalmente urbana, referenciando o Centro-Sul do país, o que, de certa forma, inibe o comportamento social dos alunos, uma vez que a escola não resgata a identidade do aluno, ao contrário, trata-o como sendo um aluno urbano localizado na zona rural. Compartilhando dessa realidade, Piletti (2006) afirma que os conteúdos trabalhados pela escola são, muitas vezes, fragmentados, com ideias soltas, sem relações entre si e muito menos com a vida concreta de seus educandos e educadores, ou seja, são muitos estudos e atividades sem sentido. Dessa forma, muito do que eles aprendem na escola não tem um valor utilitário para o seu cotidiano, está fora do seu contexto de vida prática, fato que prejudica o desenvolvimento da aprendizagem, além de diminuir o interesse do aluno em frequentar a escola.

A Geografia é a ciência que tem como objeto de estudo o espaço geográfico, compreendido através da relação sociedade-natureza, pois o trabalho resulta na produção socioespacial. Estudar o espaço, portanto, deve ser uma forma de entender a produção/reprodução e articulação numa perspectiva dinâmica, sabendo-se que a interferência que se faz hoje reflete no futuro. Sabe-se que o ensino de Geografia, assim como toda a educação do Brasil, sempre foi fiel aos interesses das elites, permitindo que a escola desenvolvesse um ensino distanciando da realidade dos educandos, baseado na fragmentação/separação.

A educação do campo, especificamente no Semiárido Paraibano, portanto, tem a escola como o espaço privilegiado para o desenvolvimento de uma proposta pedagógica que leve em conta a formação do educando, enquanto sujeito construtor da realidade em que vive.

Nesse sentido, o ensino de Geografia deve mostrar aos povos do campo, habitantes dessa região, que eles são seres concretos e, conseqüentemente, construtores da realidade socioespacial em que estão inseridos e intercalados aos fatores naturais (clima, hidrografia, vegetação, fauna e solos), socioculturais (população, cultura, festividades, músicas, religião, saúde, educação, desejos etc.) e econômicos (produção, tecnologia, comércio, atividade agrícola, processo de industrialização, consumidor).

Ensinar e estudar Geografia são pensar na construção/ampliação e produção do conhecimento; esse processo visa a realização do educando, assim como do educador, enquanto cidadãos plenos, conscientes dos seus direitos e deveres, capazes de se apropriar do conhecimento produzido para a construção de uma identidade regional. Assim, cabe ao educador implantar um que tenha como meta estabelecer a explicação espacial, como resultado da produção espacial do campo (REGO, CASTROGIOVANNI e KAERCHER, 2007).

Assim, para a prática de ensino em Geografia, é essencial que o planejamento da aula contemple as dificuldades gerais e específicas dos alunos, priorizando o conteúdo que tenha valor utilitário para a vida, tanto nas experiências práticas como nas intelectuais. Em sua análise sobre a prática do ensino de Geografia, em que abordam o ensino e sua prática em sala de aula, Pontuschka e Oliveira (2006) afirmam que o planejamento deve contemplar a realidade do lugar, os valores que expressam as representações do universo, tanto dos alunos como dos professores. Diante desse desafio, torna-se fundamental que o professor conheça seus alunos, suas condições socioculturais e econômicas e possa, a partir desse contexto, construir, junto com os alunos, um conhecimento e uma educação que promovam a superação de suas condições socioculturais, oferecendo uma formação de atitudes como meio de inseri-los no universo cultural e do conhecimento humano.

É necessário desenvolver um ensino que busque despertar nos alunos uma postura crítica diante da realidade. Dessa forma, Castrogiovanni (2005) ressalta que cabe ao ensino de Geografia inseri-los em um mundo onde possam visualizar de forma consciente as relações dinâmicas que ocorrem na vida cotidiana, contribuindo para que os mesmos entendam o espaço produzido pela sociedade, compreendendo suas desigualdades e suas contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza.

Diante desse pensamento, Caldart (2002, p. 23) expõe que é necessário o estabelecimento de uma educação que seja no e do campo, “[...] No: o povo tem direito a ser

educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar, e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às necessidades humanas e sociais.” Deve-se pensar em uma educação que considere o campo não só como espaço de produção, mas também como território de relações sociais, de cultura, de relação com a natureza, ou seja, como território de vida. Arroyo, Caldart e Molina (2009), através do livro “Por Uma Educação do Campo”, valorizam a importância de considerar o contexto campo, pois:

Ao analisar o campo como território, permite compreendê-lo como espaço de vida onde se materializam todas as dimensões da existência humana. A cultura, a produção, o trabalho, a organização política são relações sociais constituintes das dimensões territoriais. Todas essas dimensões se realizam no território a partir de uma relação interativa e completiva. Nesse sentido os territórios são espaços geográficos e políticos onde os atores sociais realizam seus projetos de vida [...] (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2009, p. 137).

Diante dessa realidade, propõe-se um ensino de Geografia contextualizado, que esteja voltado para a população do campo do Semiárido Paraibano, ressaltando a necessidade de considerar o campo como um lugar específico e com sujeitos que lhe são próprios, os quais possuem história, cultura, identidade e lutas, as quais devem ser respeitadas e legitimadas. A educação precisa ser democrática e respeitar a diversidade da população que vive no/do campo, ela deve sempre ser contextualizada com as condições de vida da população para que, assim, ela possa se adaptar às formas de vivências, aos problemas e às dificuldades da população que vive no e do campo do Semiárido Paraibano.

Assim, a Geografia – uma ciência dinâmica, em constante movimento – tem um papel social muito grande, devendo envolver não apenas aspectos físicos, mas, principalmente, humanos, com o bom relacionamento entre as pessoas de uma comunidade, consciência da interferência do homem na natureza, os desafios do avanço tecnológico. Ou seja, segundo Oliveira (2010), o ensino da ciência geográfica precisa buscar a observação, análise e compreensão da sociedade e do espaço em que está inserido o aluno.

## **ANÁLISE DE RESULTADOS**

Os novos métodos de se ensinar ou as novas metodologias adotadas nas redes de ensino do nosso país são diversos, no entanto, sempre se busca algo mais, ou seja, uma forma de sempre chamar a atenção dos alunos, algo que desperte o interesse sobre os conteúdos disciplinares, busca-se uma maneira de ensinar e aprender através de métodos com que os alunos se identifiquem.

A inserção dos novos recursos didáticos é importante em todas as disciplinas, mas no ensino de geografia se torna ainda mais necessária, pois a disciplina é tida como

desinteressante, “da decoreba”. De acordo com Vesentini (2009), é de fundamental importância à renovação do ensino de geografia, baseada na inovação de recursos didáticos-pedagógicos que possibilitem aos alunos do campo um novo olhar para tal disciplina, despertando o interesse destes pelas aulas.

Dentro da variedade de recursos didáticos disponíveis em escolas urbanas, verificamos a ausência desses recursos nas escolas do campo, especificamente na Escola Estadual Maria Balbina. Esse foi o fator motivador que indicou nessa primeira fase do projeto de extensão a produção do recurso didático intitulado “Arte Rupestre: o diálogo geográfico entre a Austrália e o Semiárido Brasileiro” tendo por base o planejamento do terceiro bimestre do 9º ano referente ao ensino de Geografia realizado pela professora titular.

Foto – Escola E. Maria Balbina



Fonte: Antonio Carlos Soares.

**No contexto acadêmico** – aconteceu na reunião de planejamento e organização das atividades realizadas pelo projeto no Laboratório de Ensino de Geografia e Educação do Campo - LEGECAMPO. Verificamos através do livro didático e do planejamento realizado pelo professor titular de Geografia da escola, identificou-se que o próximo tema seria a “Oceania e Regiões Polares, destacando a Austrália que apresenta alguns aspectos climáticos semelhantes com o do Brasil, como por exemplo, identificamos existência que ambos os países de áreas do Semiárido.

Dessa forma, planejamos em como fazer essa relação e levar para a sala de aula um tema “Oceania x Austrália” de forma contextualizada. A Austrália além de ter o Semiárido em comum com o nosso país os povos originários desse país tinham o hábito de registrar sua cultura em pinturas feitas nas paredes, ou seja, pinturas rupestres, como encontramos no

Semiárido Brasileiro. Desta forma, planejamos em utilizar fragmentos de rochas presente no cariri paraibano e representar a fauna e flora da região através de desenhos e pinturas rupestres com os alunos, tendo como objetivo de fazer um recurso didático simples que dialogue entre os dois países tão distantes, mas tão semelhantes na representação das condições geográficas e históricas do seu povo. **No contexto escolar** a mediação aconteceu na Escola Estadual Maria Balbina, localizada no distrito de Santa Luzia município de Serra Branca. Na turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, composta por 17 alunos ao todo.

Na fase inicial apresentamos as características naturais e econômicas da Oceania dando um foco maior na Austrália que se destaca por se tratar do maior país do continente. O objetivo da mediação foi produzir de forma conjunta com os alunos um recurso didático, estabelecendo uma relação entre as características da Austrália e o Semiárido Brasileiro, uma vez que uma parte do território desse país apresenta o clima e a vegetação semelhante como o nosso, tendo a possibilidade da conexão dos saberes geográficos das regiões estudadas.

A mediação teve início através de uma aula expositiva sobre o continente da Oceania. Utilizamos os seguintes recursos didáticos: slides contendo tópicos sobre o conteúdo destacando as características ambientais da Austrália e sua localização no mapa.



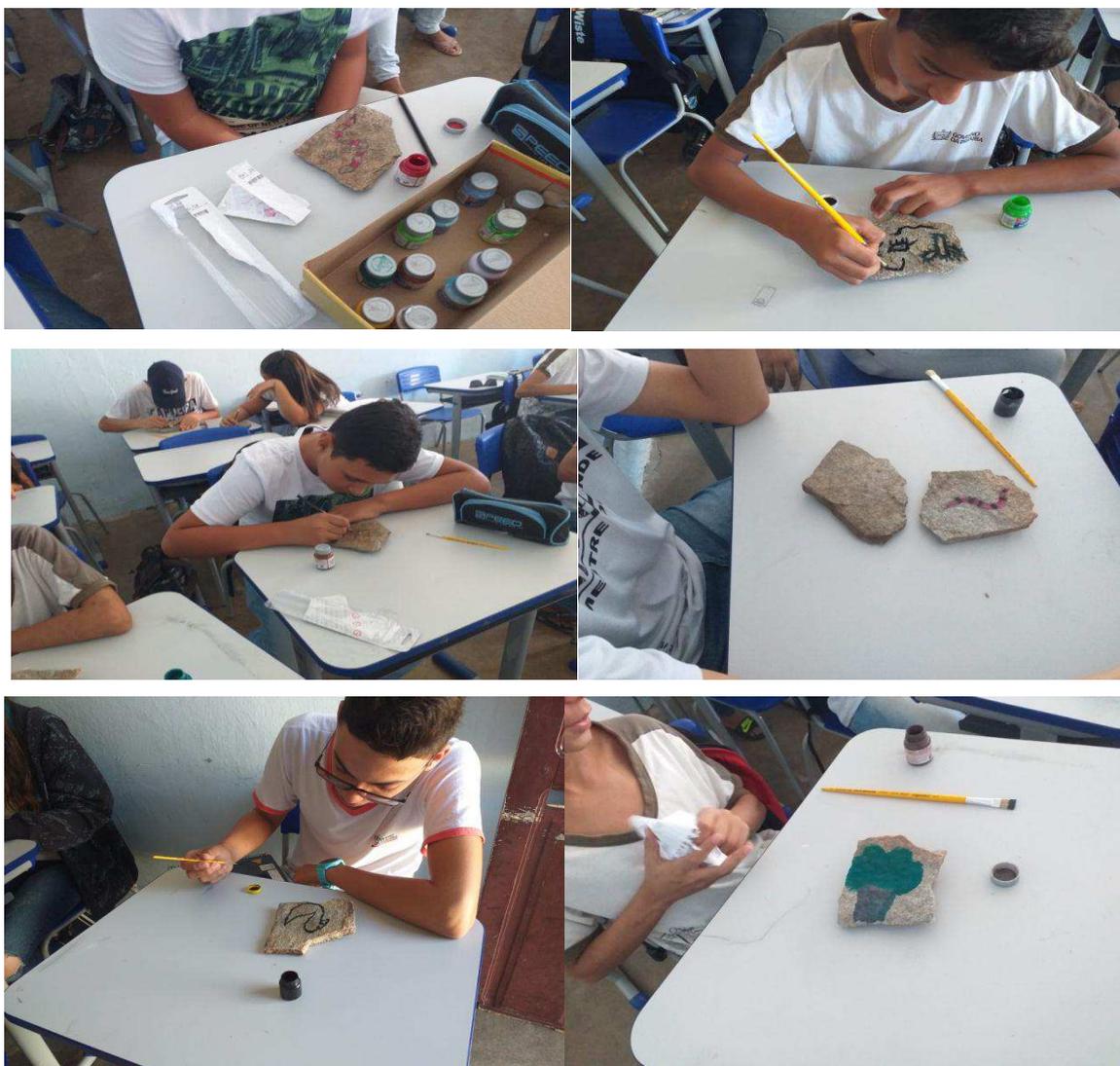
Fonte: LEGECAMPO, 2019.

Para estabelecer essa relação trabalhamos em sala às pinturas rupestres que foram usadas pelos povos originários da Austrália para registrar sua cultura como, por exemplo, o canguru que é o animal mais comum do país, na região do Cariri Ocidental não é diferente, as pinturas rupestres são para registrar a vida humana naquele local, e em alguns casos era para manter uma comunicação entre povos, material usado para esta atividade foram tinta, pincel e rochas.

Para conectar os saberes entre a Austrália e o Semiárido Brasileiro, propomos que os alunos construíssem suas próprias artes rupestres, mostrando a fauna e a flora do Semiárido.

Para a produção das artes rupestres foram utilizados pincéis, tinta e rochas coletadas pelas bolsistas do projeto.

De início a turma estava tímida por ser uma atividade nova e diferente do que eles costumam realizar, e também, pela dificuldade de identificar animais silvestres da nossa fauna, com o desenvolvimento da mediação foi mudando os comportamentos dos mesmos. Podemos observar que as pintura mais comuns foram as da cobra, árvores e animais domésticos. Foram produzidas 17 artes rupestres que retrataram a fauna e a flora do Semiárido como mostra as fotos abaixo:





A partir da mediação e da produção do material didático na sala de aula conseguimos fazer uma ponte entre os dois países (Austrália e Brasil), especificamente com o Semiárido. Mostrando uma possibilidade de como que os professores de Geografia das escolas do Campo do Semiárido podem trabalhar os conteúdos propostos pelo currículo nacional de forma contextualizada trazendo o que está distante da realidade dos alunos para próximo dos mesmos, efetivando o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação do recurso didático e sua experimentação na sala de aula foi de forma contínua, levando em consideração os registros visuais (fotografia e vídeo) no momento da produção e experimentação dos materiais didáticos na escola, como também, a produção de memorial produzido pelos alunos, bolsistas e voluntários, descrevendo a importância do recurso na potencialização no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia para as escolas do campo.

O projeto de extensão que possibilitou a produção desse recurso didático está em andamento, e esperamos, na finalização do mesmo, não só que os recursos didáticos produzidos sejam utilizados nas aulas de Geografia — em articulação com a Educação do Campo, tornando-se um potencial no processo de ensino-aprendizagem dos alunos do ensino fundamental da comunidade escolar como um todo — como também que esses momentos de produção dos recursos didáticos sejam um aprendizado para a equipe envolvida, provocando mudanças que levem a um aprimoramento das práticas pedagógicas ali desenvolvidas.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso (coord). **Geografia e Didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ARROYO, M.G; CALDART, R.S; MOLINA, M. C. (Org). **Por uma educação do campo**. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CALDART, R. S. Ser educador do povo do campo. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Org.). **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. 2. ed. Brasília: UnB, 2002. V. 4. 136 p. (Educação do Campo).

CARLOS, Ana F. A. **A Geografia na sala de aula**. 8ªed. São Paulo: Contexto, 2006.

CASTROGIOVANNI, Antônio (Org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2º ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, Nacelica Barbosa et al. Relação campo – cidade: o ensino de geografia e as especificidades do semiárido. In: \_\_. **Caderno multidisciplinar – Educação e contexto do Semiárido: múltiplos espaços para o exercício da contextualização**. V1 – Juazeiro/BA: selo editorial RESAB, 2009. P 105 – 118.

GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria A. Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.  
LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: Cortez, 1994.

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o Semiárido**. In: RESAB. Educação para a convivência com o Semiárido Brasileiro – Reflexões teóricas – práticas da RESAB. Juazeiro – BA: Secretaria Executiva da RESAB, 2006. P. 115-146.

MOREIRA, Marco Antônio. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa**. Instituto de Física – UFRGS. Porto Alegre – RS, 1997.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de Geografia?** 9º ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PASSINI, Elza Yasuko .**Prática de Ensino e Estágio Supervisionado**. 2ºed,São Paulo: editora Contexto, 2011.

PONTUSCHA, N. N; OLIVEIRA, A. U. (org). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 23 ed. São Paulo: Ática, 2006.

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos e KAERCHER, Nestor André (Orgs). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SUERTEGARAY, Dirce Maria A. **Notas sobre epistemologia da Geografia.** Cadernos geográficos. Florianópolis: Imprensa universitária, 1999.

VESENTINI, José Wiliam (org). **Geografia e Ensino: textos críticos.** 11<sup>o</sup> ed. São Paulo: Papyrus, 2009.